

Gabriela Cristina Borborema Bozzo  
(Organizadora)

# LETRAS, política & sociedade



Gabriela Cristina Borborema Bozzo  
(Organizadora)

# LETRAS, política & sociedade



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Gabriela Cristina Borborema Bozzo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

L649 Letras, política & sociedade / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0033-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.332223103>

1. Letras. 2. Política. 3. Sociedade. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema (Organizadora). II. Título.

CDD 401

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

O livro *Letras, política & sociedade* apresenta, em seus treze capítulos, trabalhos diversos correlacionados ao tema que o volume se propõe a tratar, entrelaçando, de fato, as letras, a sociedade e a política. Tendo em vista que não há letras sem sociedade e não há sociedade sem política, o tema é muito bem cortejado pelos treze artigos que o atravessam.

Desse modo, temos trabalhos que possuem, como *corpus*, obras de Louvet de Couvray, Martins Pena, Pero Vaz de Caminha, Jorge de Souza Araújo, Mia Couto, José de Alencar, Gilberto Gil, E. E. Cummings, John Bunyan e Valêncio Xavier, cortejando seu objeto de estudo com diferentes possibilidades metodológicas, construindo um abrangente horizonte de abordagens literárias, musicais e históricas.

Há, ainda, trabalhos que contemplem manchetes do jornal G1, letramento de imigrantes e refugiados, declaração de Jair Bolsonaro à nação brasileira, o trabalho do crítico Roland Barthes e a mudança de apresentação de um partido político brasileiro. Como pode ser observado, há um rico leque de possibilidades de verificação desse vasto *corpus* no campo da linguística, bem como político e social.

Portanto, o volume em questão corrobora para o enriquecimento não só do campo da literatura e da linguística, mas também no que tange à política e à sociologia, contribuindo para com as Ciências Humanas e possibilitando novos conhecimentos para graduandos, graduados, pós-graduandos e pós-graduados e a todos que se interessarem por diversas correntes metodológicas a atravessarem o horizonte das humanidades.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO ..... 11**

DIZER O INDIZÍVEL: REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO, LITERÁRIO E SOCIAL EM “BECOS DO HOMEM”

Adriane Ester Hoffmann

Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231031>

### **CAPÍTULO 2..... 16**

GUERRA CIVIL, SONHOS E ANCESTRALIDADES NA LITERATURA MOÇAMBICANA: DECIFRANDO A “TERRA SONÂMBULA” DE MIA COUTO

Diego Romerito Braga Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231032>

### **CAPÍTULO 3..... 27**

CARTAS ENTRE AMIGOS: UM RELATO LITERÁRIO

Juliana de Lima Laperla Batista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231033>

### **CAPÍTULO 4..... 33**

JOSÉ DE ALENCAR: O POLÍTICO NATO

Juliana de Lima Laperla Batista

Valéria Caraça Camargo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231034>

### **CAPÍTULO 5..... 39**

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO LOCUTOR NA DECLARAÇÃO À NAÇÃO DO PRESIDENTE BOLSONARO (09/09/2021)

Neire Ferreira Yamamoto

Maria Eliete de Queiroz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231035>

### **CAPÍTULO 6..... 52**

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA PEIRCIANA DA MUDANÇA DE PMDB A MDB, OU DAS “MUDANÇAS” POLÍTICAS NO BRASIL

Diego Rodrigo Ferraz

Rainne Fogaça da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231036>

### **CAPÍTULO 7..... 62**

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DA ORALIDADE NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO PARA IMIGRANTES E REFUGIADOS NÃO ALFABETIZADOS

Umberto Euzebio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231037>

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>75</b>
<i>PANIS ET CIRCENSE: DECOLONIALIDADE E EPISTEMOLOGIA AFRO-DIASPÓRICA EM GILBERTO GIL</i>	
Angélica Maria Schimitz da Silveira	
Camila Gabriela Pollnow	
Edelu Kawahala	
Lucas da Silva Sampaio	
Rodrigo Díaz de Vivar y Soler	
Thomas Teixeira Fidryszewski	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231038">https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231038</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>87</b>
INTERDIÇÃO E NÃO DITO EM DUAS ‘MANCHETES’ DO <i>G1</i>	
Diego Rodrigo Ferraz	
Raíne Fogaça da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231039">https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231039</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>94</b>
ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: O TRAVESTISMO COMO DENÚNCIA SOCIAL EM LOUVET DE COUVRAY E MARTINS PENA	
Cristina Reis Maia	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310310">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310310</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>105</b>
ROLAND BARTHES: ENTRE O EXERCÍCIO CRÍTICO E A LITERATURA, ENTRE A FIGURA E O PERSONAGEM	
Winnie Wouters	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310311">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310311</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>122</b>
NARRAÇÃO E MONTAGEM EM <i>O MEZ DA GRIPPE</i>	
Damásio Marques	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310312">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310312</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>140</b>
<i>THE ENORMOUS ROOM</i> E <i>THE PILGRIM’S PROGRESS</i> : PEREGRINAÇÃO EM BUSCA DA LIBERDADE	
Laura Moreira Teixeira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310313">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310313</a>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>154</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>155</b>

## ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: O TRAVESTISMO COMO DENÚNCIA SOCIAL EM LOUVET DE COUVRAY E MARTINS PENA

Data de aceite: 01/03/2022

**Cristina Reis Maia**

Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

**RESUMO:** A intenção deste artigo é discutir como o travestismo tem servido para expressar denúncias sociais e repensar o modus operandi das sociedades, atravessando fronteiras culturais e temporais. Para explicitar essa ideia comparar-se-á as obras *Amores de um libertino* – do revolucionário francês do século XVIII Louvet de Couvray – e *O Noviço* – do teatrólogo brasileiro Martins Pena, escrita em meados do século XIX –, as quais desenvolvem importantes críticas de costumes sobre sociedades conservadoras através do travestismo. Utilizando das análises de Foucault (1988), Hunt (1999), Kearny (1982), Maingueneau (2010) e Trousson (1996), buscar-se-á discutir as relações de poder intrínsecas a essa prática que se transformam em potentes instrumentos de denúncia política e envolvem sexo, questões de gênero e crítica social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Travestismo. Denúncia social. Crítica de costumes. Fronteiras.

**ABSTRACT:** The intention of this article is to discuss how cross-dressing has served to express social denunciations and rethink the modus operandi of societies, crossing cultural and time boundaries. To explain this idea, we will compare the works *Amores de um libertino* – by the 18th-century French revolutionary Louvet by Couvray – and *O Noviço* – by the Brazilian theologian

Martins Pena, written in the mid-19th century – which develop important customs criticisms on conservative societies through transvestism. Using the analyses of Foucault (1988), Hunt (1999), Kearny (1982), Maingueneau (2010) and Trousson (1996), it will be sought the power relations intrinsic to this practice that become powerful instruments of political denunciation and involve sex, gender issues and social criticism.

**KEYWORDS:** Transvestism. Social complaint. Criticism of customs. Borders.

### INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo pensar o travestismo enquanto uma manifestação de denúncia social e seu papel na elaboração de críticas de costumes, capaz de ultrapassar fronteiras e repensar sua realidade. Para explicitar essa percepção, escolhemos fazer um recorte comparativo entre duas obras escritas em épocas e contextos culturais diferentes – *Amores de um libertino*, do revolucionário francês Louvet de Couvray, e *O Noviço*, do teatrólogo brasileiro Martins Pena.

Publicada originalmente entre os anos de 1787-1790, a trilogia que compõe *Amores de um libertino* reflete o ambiente de uma França pré-revolucionária, apresentando o libertino enquanto sujeito libertário e o travestismo como instrumento para ruptura de grilhões culturais e liberdade de expressão. Já *O Noviço*, de 1845, transita pelo travestismo para retratar a realidade brasileira e seus hábitos peculiares.

Ambas, porém, apresentam críticas às suas respectivas sociedades, motejando-as através de enredos repletos de reviravoltas e tramas rocambolescas.

Apesar de reportarem a dois universos distintos, tanto *Amores de um libertino* quanto *O Noviço* são atravessados por conceitos transgressores os quais, transversalizados pelo mote do sexo, desnudam cenários e atores sociais, expõem condutas correntes em seu tempo e troçam de velhos hábitos. Essa vertente, dita pornográfica, desenvolveu certo grau de autonomia diante do campo literário, o que contribuiu para lhe dar mais consistência em se contrapor ao sistema em vigor. É importante ressaltar que tais textos foram produzidos em um momento histórico no qual a pornografia não se restringia à obscenidade propriamente dita, mas a todas categorias que potencialmente poderiam pôr em risco a ordem instituída: a moral, a política e a religião<sup>1</sup>. Neste sentido, dão vozes a propostas politicamente revolucionárias, nas quais o sexo desponta como elemento catalizador para revelar eventuais mazelas.

As histórias narradas extrapolam códigos e barreiras impostos, recorrendo a figuras do imaginário sexual em um tom leve e cômico. Sempre permeadas por ironia, desdobram-se em situações multifacetadas e dinâmicas, lançando um olhar cínico e despidorado para a época retratada – sobre seus tabus e conceito de marginalidade –, explorando concepções políticas arraigadas e conceitos cristalizados. Seguindo essa direção, constituem um perfil eminentemente “subversivo” – ridicularizando premissas e convenções naturalizadas –, mas que naturalmente, estimula e amplifica o interesse daqueles que as leem. Interesse esse despertado a partir da tripla função assumida pelo texto, comprometido em chocar, divertir e fazer o leitor pensar sobre os fatos expostos.

Nessa perspectiva, a comparação de ambas as obras viabiliza entender a influência que essa nova linguagem estabelece – seja questionando e desterritorializando seus contextos, seja invertendo (ou desconstruindo) papéis instituídos para problematizar suas funções.

## A PORNOGRAFIA COMO SUBVERSÃO

Assim como o sexo, erotismo e obscenidade são manifestações humanas ancestrais.

Constituindo um dos sistemas de valores fundamentais estruturantes da sociedade, as concepções de corpo e sexualidade são, essencialmente, determinadas pela cultura que designará quais práticas sexuais serão apropriadas ou não, quais se circunscreverão dentro da moralidade ou serão consideradas doentias (FOUCAULT, 1988). Entretanto, esta condição torna a sexualidade profundamente suscetível ao crivo da cultura, sujeitando-a à sua influência e às transformações dela decorrentes ao longo da história da humanidade.

---

1 O primeiro uso moderno do termo pornografia (do grego porné= depravada e graphos =escrita) encontra-se no Dictionnaire critique, littéraire et bibliographique des principaux livres condamnés au feu, supprimés ou censurés (PEIGNOT, 1806). Incluía categorias que ameaçavam a boa moral, o Estado e a religião, sendo traduzido enquanto expressão da perversão dos costumes e reconhecido como “filosófico” (HUNT, 1999).

É dessa forma que a partir da segunda metade do século XVII, a concepção da sexualidade é reinventada: ao aproximar-se de categorias médica-política-filosóficas o sexo se torna “revolucionário” (MORAES, 2003), diversificando as opções formais que usualmente se associava à função biológica, permitindo-se ir além das descrições licenciosas.

Convertido em bandeira política, o sexo extrapola as quatro paredes, não se restringindo mais aos diálogos voltados para a vida das prostitutas (HUNT, 1999). Ao passar a abordar o "outro lado" das relações desenvolvidas no cotidiano, buscou desenvolver um meio de contrapor-se ao instituído, associando sua imagem à noção de desordem social, visto que:

A ordem estava relacionada às leis, às normas, às atividades lícitas, às pessoas de posição definida e integradas à vida oficial. A desordem (...) era reconhecida como tudo o que andava no sentido contrário às leis e normas, ou seja, os distúrbios à tranquilidade social, os negócios ilícitos, as badernas e as transgressões aos padrões estabelecidos (ALMENDRA, 2005, p. 61).

Esse modo de ser e se expressar se popularizou para discutir questões sensíveis às governanças e a todo poder estabelecido, sendo alcunhado de *pornográfico*. Tal construção não somente incorporava axiomas filosóficos ao sexo como passou a responder às questões político-culturais, proporcionando a divulgação de novos ideários (MAINGUENEAU, 2010) e a experimentação de novas propostas. Essa ampliação dos horizontes propiciou o surgimento da personagem do libertino.

O termo libertino inicialmente direcionava-se àqueles que, desprendidos da ortodoxia sócio cultural, rejeitavam as doutrinas e códigos morais, não se furtando ao conhecimento e às diferentes formas de pensar (KEARNEY, 1982). Ou seja, englobava todos que agissem contra a ordem vigente, dedicando-se ao “empreendimento de liberação, nem que seja pela reabilitação do prazer contra as proibições: libertinos e libertários se juntam.” (TROUSSON, 1996, p. 167).

O fato de desnudar hábitos e práticas acobertadas – mas francamente aceitas –, tornava o libertino um perfeito delator das idiossincrasias sociais, revelando a dubiedade da sua realidade. Ao denunciar a cultura da impostura, colocava o dedo na ferida, implicando os atores sociais. Por isso, nem sempre era visto com bons olhos, sendo, grosso modo, associado à depravação e à filosofia<sup>2</sup>.

A figura do libertino equivalia a um livre pensador, contestando normas e tabus com seu jeito jocoso, desvelando a hipocrisia das convenções morais e das diferenças de gênero (KEARNY, 1982). Seu forte apelo sexual foi muito utilizado durante as revoluções do século XVIII, levando-o a ser considerado “perigoso” e “insurgente”, associado à destruição, insubordinação e perturbação dos ânimos. Não à toa, a produção literária em

2 A filosofia do século XVIII tinha um sentido diferente do que lhe é atribuído hoje. Isto porque, o Universo filosófico, naquela época, estava ligado a tudo que dizia respeito à subversão, à transgressão, à libertinagem, à irreligião, à sedução, à obscenidade, ao sexo” (SANTOS, 2010, p. 86)

que aparecia foi alcunhada de “filosófica”, englobando desde ficção erótica a pornografia pura, de panfletos anticlericais a críticas ao regime estabelecido, de maneira que seu enredo se metamorfoseia em uma

ação dramática [que] não se limita à realização calma e simples de um fim determinado; ao contrário, ela se desenrola num ambiente feito de conflitos e colisões e é alvo de circunstâncias, paixões, caracteres que a ela se contrapõem ou se opõem. Tais conflitos e colisões geram, por sua vez, ações que tornam, em dado momento, necessário seu apaziguamento. (PAVIS, 2005, p. 67).

Dentro desse movimento, muito da perspectiva de liberação e libertinagem decorre da quebra de parâmetros e expectativas consolidadas. Isso é notadamente evidenciado quando esta personagem atua na desconstrução de imagens e inversão de papéis, o que se consubstancializa pelo travestismo. Símbolo de embuste e transformação, esse feito representava ir contra os rígidos cânones estabelecidos, salientando as diferenças e as novas formas de percepção (e questionamento) da realidade.

*Amores de um libertino*, é reconhecido pelo seu caráter libertário e contestatório. Seu enredo desnudava a sociedade francesa a partir das suas relações sociais mais básicas: a do interlúdio sexual. Ele nos conta a história de Faublas, um jovem nobre recém-chegado a Paris que, a fim de inserir-se com seus pares, propõe-se a quebrar protocolos ao travestir-se de sua irmã.

Tal enredo se estabelece sob três pontos principais: a cidade e seus costumes, as aventuras sexuais de Faublas e a crítica sobre a sociedade da época.

Para melhor entender como esse processo se constrói, o primeiro ponto a ser levado em consideração é o contexto da obra, isto é, o tempo e a locação nos quais a história se desenvolve. Reportado na França pré-revolucionária, *Amores de um libertino* faz referência a um ambiente de orgias e vitalidade que compõe um imenso caldeirão de comportamentos obductos escancarados por rompantes impudicos. Neste caso, o local escolhido para o desenrolar do enredo é a capital Paris, recorte genérico e metafórico de um mundo no qual práticas subversivas coexistem com o conservadorismo vigente. A cidade em questão representa o espaço onde antigas regras e tradições colidem com o emergente, onde êxtases febris pululam (WILLIAMS, 1989), confrontando-se o reprimido e coibido com a liberdade trazida pelo progresso e liberalismo.

Sob tal ambiência são descritas as aventuras sexuais de Faublas que expunham, nas entrelinhas, as fissuras do Antigo Regime e de seus valores, espelhando em escala micro o panorama político-social no qual o país se encontrava. As variadas sequências de atuações sexuais não convencionais e a subversão da autoridade dominante, tornam o livro um exemplo de produção pornográfica da época (MORAES, 2003). O uso do sexo e dos “segredos de alcova” por ele divulgados em seu modo livre de pensar e se posicionar diante das (muitas) regras impostas faz dessa literatura, carbonária.

Circulando entre a inflexibilidade e a permissividade, o protagonista expõe ao público o intrincado jogo de poder que permeia o meio em que vive, utilizando para isso da sua trajetória sexual. Questionando o sistema e as estruturas hierárquicas através da introdução de figuras travestidas o livro delimita as atribuições conferidas a cada gênero, expondo os estigmas que despontam a partir de então. Essa estratégia marca as diferenças existentes entre os sexos e as classes sociais quanto à liberdade de ação e circulação e problematiza a permeabilidade das regras estabelecidas.

Escrito cerca de 55 anos após a publicação do último volume da trajetória do fabuloso Faublas, *O Noviço*, de Martins Pena foi inegavelmente influenciado pelas ideias publicizadas por Louvet de Couvray. Embora o teor sexual do enredo não seja tão explícito quanto seu antecessor – o que lhe confere um aspecto mais “familiar” –, o referido texto bebe na mesma fonte, incorporando a essência pornográfica couvrayniana para revelar as imposturas e os desmandos do seu tempo.

Parodiando a sociedade carioca sob o manto da malícia e do humor, o livro brasileiro relata os desenlaces amorosos de dois primos que se veem forçados a ingressarem na ordem religiosa por conta de interesses escusos alheios. Apresentando características românticas com ênfase na comédia de costumes, aborda a sexualidade latente, os atravessamentos religiosos, os ganhos e proveitos econômicos adquiridos de forma suspeitosa e desonesta. Os elementos sexuais encontram-se disseminados ao longo do texto, desenvolvendo-se em cima das trocas de papéis operacionalizadas pelo travestismo. E mesmo que pontuados pelo hilário, têm a função de apontar para as incoerências a realidade e subvertê-la.

*O Noviço* se passa no início do Segundo Império, quando o Brasil se dividia entre a ânsia pelo adensamento cultural propiciado pela ascensão de uma burguesia incipiente e as contradições oriundas pelo contexto antiliberal que a fomentava (ARÊAS, 2006). Situado na convergência entre a ideologia escravocrata patriarcal e o liberalismo burguês, o conservadorismo e o projeto liberal, o país tentava romper com o passado colonial, propondo um projeto modernizador que permeava desde o espaço físico das cidades até suas atividades cotidianas. Neste contexto, o Rio de Janeiro – capital econômica, política e cultural do Império – passa a ser apresentado como o espelho refletor dos anseios, dos medos, das influências e das formas de relacionamento de um país que pretendia civilizar-se e modernizar-se. Isso se torna mais evidente devido às ambiguidades que a cidade apresenta: dividida entre equiparar-se aos hábitos europeus e construir sua própria identidade, mesmo que diante de expectativas tão diferentes (ALMENDRA, 2005), ela se revela um microcosmos do país.

Assim como *Amores de um libertino*, *O Noviço* reforça as mesmas potentes críticas de cunho religioso, político e social que se fazem presentes naquele. Apelando para o ridículo e o ambíguo, mostra a promíscua relação estabelecida entre a Igreja e o patronato, entre a incipiente classe burguesa e a religião, entre o público e o privado. Seu enredo se desenvolve focando nas formas de dominação e manipulação para com aqueles

considerados inferiores – fossem eles jovens, mulheres ou escravos. A contestação da autoridade e as distinções estabelecidas entre a cidade e o campo – os chamados efeitos desintegradores da urbanização – também são abordadas (ARÊAS, 2006). Concebido enquanto uma peça teatral bufa, ele descreve de forma bem-humorada tipos, situações, costumes e jogos amorosos em seu aspecto mais caricato. Assim, foi naturalmente assimilado pelo público, que com ele se identificou.

Dessa maneira, enquanto Louvet de Couvray retratava a sexualidade à flor da pele, com aparente despudor, admitindo um erotismo transgressor para uma abordagem de temas tabus, Martins Pena transitava na pornografia com sutileza, através de meias palavras e duplos sentidos. Ambos empregavam como pano de fundo as contradições entre duas realidades opostas que coexistiam no mesmo espaço: uma marcada por leis e práticas eminentemente conservadoras na contramão de grandes mudanças políticas, e outra imbuída de valores liberais que prenunciavam a modernidade diante de estruturas arcaicas.

Não à toa, suas tramas centravam-se nas capitais, centros de vanguarda e difusores de novas ideias, levando as personagens a exercitarem suas *performances* nos espaços onde a supremacia cultural levava à contestação das antigas práticas sociais.

## O TRAVESTISMO COMO CRÍTICA SOCIAL

Embora Louvet de Couvray e Martins Pena tenham em comum o uso da sátira e do sexo, seus textos destacam-se pelo teor político – parte dele alcançado pela incorporação do travestismo em suas narrativas.

Em *Amores de um libertino*, Faublas se investe de poder quando passa a incorporar uma personagem travestida – o que lhe permite amplo acesso ao conhecimento e à possibilidade de transgredir todas as prescrições. Essa inversão de papéis não apenas desempenha a função de estimular a imaginação, prendendo a atenção do leitor no *plot*, mas representa um subterfúgio para discussões mais profundas.

De fato, esta tática é utilizada ao longo do texto e não apenas pelo protagonista. Prontamente assimilada por terceiros, ela não só movimenta a trama como serve de base para a apresentação de denúncias sociais. Serve, por exemplo, para ressaltar as diferentes relações de poder entre os gêneros – as parceiras amorosas de Faublas o utilizam abertamente para obterem maior trânsito e liberdade de ação. Personagens como a Marquesa de B., a criada Justine e a enamorada Sophie utilizam deste artifício em algum momento para alcançarem um maior domínio sobre o meio em que vivem e ascenderem a uma emancipação até então negada pelas convenções vigentes. Essa modalidade de (re)ação – de modificar o aparente para evitar o reconhecimento e, conseqüentemente, as implicações decorrentes das atribuições sociais – emerge tanto como uma crítica da condição em que as mulheres se encontravam (seja qual fosse sua classe ou idade) quanto

como possibilidade de transgressão. Para além de panfletar o acesso a direitos iguais e à liberdade civil, essa dinâmica também introduz temas como a trivialidade dos amores conventuais, o caráter dúbio das regras e a duplicidade das relações nas diferentes classes.

Para Faublas - que se veste de mulher para desfrutar de sexo sem limites ou sanções - ou a Marquesa de B. - que se disfarça de cavaleiro para seguir um jogo erótico, mas descobre-se gozando pela liberdade conquistada -, o travestismo é libertador. Os relatos de suas experiências, muitas vezes hilariantes, tornavam mais palatável a introdução de temas delicados, inserindo novas pautas ao imaginário do leitor. Sob o manto da comédia<sup>3</sup>, as contradições sociais passavam a ter maior visibilidade.

As peripécias desencadeadas pela sucessão de travestismos das personagens atuam sob dupla dinâmica: questionam a realidade hipócrita da França ao mesmo tempo em que despertam o riso, tornando o tema palatável e instigante. Sob estes aspectos, o romance *Amores de um libertino* possui um quê de farsa<sup>4</sup>.

Com efeito, Faublas assume os ares de um grande farsante. E tão sedutor que arrastava os demais em sua dinâmica. Toda sua narrativa se apresenta sob a perspectiva de uma “desforra da libertinagem” - seja dos sentidos ou do pensamento (BASTIDE, 2014) -, apresentando proposições tão revolucionárias que invertiam a hierarquia e os trâmites sociais. Seus dilemas, que sempre acabavam por descambar para alguma situação inusitada (e engraçada) até finalizarem em uma solução factível, seduziam e envolviam a todos - leitores e personagens.

Ao transitar como cavalheiro e dama, Faublas exerce seu domínio sobre o que se jurisdicionou como norma(tivo). A perturbadora ideia do travestismo duplo (homem/mulher X mulher/homem) é incorporada, visando questionar os cânones e acabar com o consuetudinário. Nesse contexto, temas sensíveis como misoginia, anticlericalismo, abusos e obscenidade são explorados, sempre sob o véu do burlesco (MACHADO, 2009). Travestindo-se, ele não só se apropria do que melhor as duas condições podem oferecer como, simultaneamente, evidencia para o leitor as dificuldades enfrentadas no cotidiano.

Esse nicho ocupado por Louvet de Couvray - no qual a pornografia se associava às práticas liberais - ganha o mundo e chega no Brasil para realizar denúncias veladas sob a forma de escracho.

Com *O Noviço* temos a narração das aventuras de Carlos, obrigado a entrar para o convento por conta do inescrupuloso marido de sua tia e tutora. Para esquivar-se deste destino, o jovem traveste-se de mulher - uma artimanha que lhe possibilita descobrir o segredo do ambicioso tio e inverter a situação. Os constantes malabarismos realizados

---

3 Este viés cômico na pornografia é atravessado por uma certa dose de ironia que eleva seu conteúdo a um outro nível, propiciando uma maior repercussão da crítica proposta - seja por conta da acessibilidade da redação ou pela curiosidade despertada, o teor de sua escrita é facilmente absorvido.

4 Concebida como “apimentada” - o tempero que completa o alimento cultural e sério da alta literatura -, a farsa tem na trapaça o seu principal mecanismo da ação. Partindo de elementos do cotidiano retratados por meio de caricaturas, ela muitas vezes opta pelo chiste e pelo riso fácil para dar o seu recado. Nascida em meio a ambientes de moralidade repressora, a farsa intercala drama, mistério e momentos de divertimento, tornando e risível aquilo que oprime, o opressor.

pelas personagens têm a função de lançar luz sobre os papéis desempenhados por homens e mulheres, pela Igreja e pelos sistemas judiciário e militar. As personagens de Martins Pena se travestem ao longo da história para romper com situações que lhes são impostas e indesejadas. Para escapar do convento, Carlos, o noviço, deixa de lado os trajes convencionais e mergulha no subterfúgio do travestismo: a troca de roupas com Rosa, a primeira mulher traída de seu tio Ambrósio lhe confere maior liberdade de ação, permitindo-lhe desvendar segredos e contestar a realidade. Entretanto, diferentemente da Marquesa de B., a enganada Rosa não pode usufruir de sua condição de travestida – sob as vestes de Carlos, vê-se impingida à clausura do convento do qual o noviço fugira. Em contraponto ao relato couvrayniano, no qual as personagens femininas se utilizavam do travestismo como meio de se liberarem, a obra de Pena aponta para o papel que cabia à mulher na sociedade brasileira, que mesmo fazendo-se passar por homem não se libertava do jugo patronal.

Os diferentes modos em que isto ocorre no decorrer da história discriminam as relações de poder existentes, marcando o lugar e a função social de cada figura: o clérigo, a mulher, o farsante. Assim, o noviço passa por chefe da ordem religiosa e depois por mulher; a esposa traída troca de roupa com o noviço; e o próprio vilão se traveste de mulher para escapar das consequências de seus atos – as sucessivas mudanças de trajes são sugestões de inversões dos papéis sociais. Sob tal contexto, vemos um olhar irônico para com a elite, abordando temas como casamento por interesse, carestia, exploração da religiosidade alheia, desonestidade, corrupção, contrabando de escravos e autoritarismo patriarcal – manifestado tanto na definição da profissão dos filhos quanto na escolha de marido para as filhas.

Apesar de não se mostrar de forma tão evidente, o sexo se faz presente em toda trama central, pois é ele que impulsiona as personagens no decorrer da trama. É pelo sexo que Ambrósio enriquece (casando-se com mulheres ricas a cada sete anos), que Florência (a segunda esposa de Ambrósio) suspira, que Rosa se move (na tentativa de reaver seu esposo fujão), que Carlos e Emília se debatem (mesmo sendo ele um noviço e ela aspirante a freira). Em todos esses casos é o sexo que mobiliza as personagens, articulando suas ações para a consecução de seus projetos pessoais. Também é pelo sexo que as relações mais basais da sociedade são desveladas e confrontadas. Mesmo o texto não sendo explicitamente obsceno, a força e o ritmo sugerido pela linguagem, não deixam margem à dubiedade sugerida por ele (MACHADO, 2009). O recado é dado através das construções cênicas, uma vez que o autor explora todos os ambientes sociais através de paródias e da pilhéria, trabalhando com sutileza os jogos de palavras e os duplos sentidos – o que lhe permite flunar sobre o crivo da censura.

Carlos se aproxima da personagem de Faublas à medida em que utiliza de travestismos para contestar – e infringir – uma norma – um fardo – que lhe é imposto. Para isso, ele emprega de pornografia, na sua acepção filosófica mais contestadora. Nesse

sentido, as diferenças culturais entre a sociedade francesa do século XVIII e a brasileira do século XIX se diluem, acentuando-se as semelhanças entre as propostas literárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de pertencerem a gêneros e culturas diferentes, *Amores de um libertino* e *O Noviço* promovem uma análise da sociedade de suas épocas.

Histórica e geograficamente determinadas – surgidas em meio às transformações liberais que se contrapunham ao conservadorismo vigente –, ambas as obras têm como cerne a divulgação de denúncias sociais. Ao explorar os tabus da sociedade – o não-dito, o que não deveria ser revelado –, rasgam os véus da hipocrisia, pondo em questão as representações construídas sobre os gêneros.

Embora estabeleçam planos discursivos a partir de sequências sexuais de modo a despertar interesse e promover excitação no leitor, seu foco é lançar luz sobre a realidade em que vivem. Dessa forma, temas como hierarquia social, corrupção religiosa nas ordens conventuais, o patriarcado – a divisão de gênero na sociedade e as relações de poder assumidas pelo masculino e feminino –, os estereótipos e preconceitos sociais são abordados, mesmo que sob o manto da farsa e da ironia.

Figuras de autoridade colocadas como protagonistas viam-se às voltas com planos discursivos da narrativa de teor sexual. Essa organização do texto revela um questionamento das estruturas vigentes e uma pretensão de subversão. Mas, principalmente, é através do movimento dito pornográfico – na sua expressão cômica e irreverente – que pontos sensíveis à sociedade são abordados. Aliados a uma boa dose de humor, conteúdos de ostensivo apelo sexual são utilizados para desvelar determinadas situações naturalizadas no cotidiano. As articulações sexuais das personagens e suas *performances* com o travestismo quebram paradigmas e trazem para o leitor importantes questões de cunho social.

O escárnio do qual se utilizavam também representava uma certa forma de denúncia àquelas instâncias que pregavam uma moral asséptica e moralmente superior – apesar de nem sempre conferir com os dados reais. Contudo, seu maior crédito é a ampla capacidade de rebelar-se contra os modelos validados como inquestionáveis, especialmente a elite masculina, aristocrática e promíscua.

Por isso é interessante que o conceito de ordem seja quebrado justamente pela contraposição que faz do sexo – e nesses casos, através da encenação do travestismo. Uma ação que enrevesa as posições de poder, deslocando o seu eixo, visto que ao levar uma personagem masculina a se trajar de forma feminina (e vice-versa), realiza-se um movimento de inversão nas relações de poder, pondo em xeque ideias pré-estabelecidas. Sob a forma de sátira – permeada por situações esdrúxulas –, esses textos expunham a amoralidade que grassava nas instâncias mais moralistas da sociedade se revelando um

importante instrumento de análise social.

Ao adicionar aos enredos aventuras mirabolantes com conteúdos sexuais, *Amores de um libertino* e *O noviço* acionam o aspecto emocional do leitor – permitindo-o acompanhar as peripécias das personagens e torcer por elas –, estabelecendo uma relação lúdica com o factual e ideológico. Dessa forma, ao mesmo tempo em que desenvolvem o prazer pela leitura lançam luz sobre certas realidades e fazem refletir sobre as mesmas. Suas tramas, libertinas e libertárias, exploram outras visões de mundo, ampliando a percepção dos leitores e abrindo espaço para uma discussão mais abrangente.

## REFERÊNCIAS

ALMENDRA, Renata Silva. Entre a ordem e a desordem. A malandragem no Império de Martins Pena. In: *Em Tempo de Histórias*. Publicação do Programa de Pós-Graduação em História PPG-HIS/UnB (09), Brasília, 2005.

ARÊAS, Vilma. A comédia no romantismo brasileiro Martins Pena e Joaquim Manuel de Macedo. In: *Novos estudos CEBRAP (76)*. São Paulo: Nov. 2006.

BASTIDE, Roger. Voltaire. In: VOLTAIRE. *Contos e novelas*. Clássicos Globo. São Paulo: Editora Globo, 2014.

COUVRAY, Jean-Baptiste Louvet de. *Os amores de um libertino [Aventuras do Cavaleiro de Faublas]*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1969.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

KEARNY, Patrick. J. *A history of erotic literature*. Hong Kong: Parragon Books, 1982.

HUNT, Lynn. Obscenidade e as origens da modernidade. In: HUNT, Lynn (org.). *A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade*. São Paulo: Editora Hedra, 1999.

MACHADO, Irley Margarete Cruz. A farsa: um gênero medieval. In: *Ouvirouver (5)*, 2009, pp. 122-137.

MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MORAES, Eliane Robert. O efeito obsceno. In: *Cadernos Pagu (20)*, Campinas: UNICAMP, 2003: pp.121-130.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PEIGNOT, Etienne-Gabriel. *Dictionnaire critique, littéraire e bibliographique des principaux livres condamnés au feu, supprimés ou censurés*. 2 v. Paris: 1806, v.1.

PENA, Luís Carlos Martins. *O noviço*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

SANTOS, Antônio Carlos. A Filosofia e o filosofar francês no século XVIII. In: *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 84-95, 1. sem. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/1096>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

TROUSSON, Raymond. Romance e libertinagem no século XVIII na França. In: NOVAES, Adauto. (org.). *Libertinos libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise textual dos discursos 39, 40, 42, 43, 44, 45, 49, 50

### B

Bolsonaro 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50

Brasil 1, 2, 5, 8, 10, 15, 17, 25, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 38, 40, 42, 47, 48, 49, 52, 56, 59, 62, 63, 66, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 91, 93, 98, 100, 140

### C

Carta 27, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 148, 149

Cultura 4, 18, 23, 24, 32, 35, 38, 62, 64, 65, 67, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 95, 96

### D

Decolonialidade 75, 77, 78

### E

Erasmus 33, 34, 35, 36, 37, 38

### F

Fake news 40, 47, 48, 49

Figura 23, 34, 35, 43, 45, 57, 58, 96, 101, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 119, 120, 121, 126, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 136, 137

França 94, 97, 100, 104, 143, 149

### G

Gilberto Gil 75, 76, 77, 78, 80, 83, 84, 85, 86

### I

Identidade negra 75, 79, 82, 84

Imigrantes 25, 62, 63, 64, 73

Interdição 87, 88, 89, 90, 92, 127

### J

John Bunyan 140, 141, 142, 144, 148, 151, 152

Jorge de Souza Araújo 15

Jornal 8, 10, 11, 19, 127, 129, 135, 136, 138

José de Alencar 33, 34, 36, 37, 38

## L

Letramento 63, 64, 65, 70, 72, 73, 74

Literatura 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 26, 28, 29, 31, 32, 38, 61, 83, 84, 97, 100, 104, 105, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 128, 130, 132, 138, 139, 141, 152, 154

Louvet de Couvray 94, 98, 99, 100

## M

Manchete 87, 88, 90

Martins Pena 94, 98, 99, 101, 103

Metodologia 50, 55, 60, 62, 64, 72, 154

Mia Couto 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 26, 80, 86

Moçambique 17, 22, 25

Moral 5, 7, 10, 83, 95, 102, 143, 147

## N

Narrador 19, 23, 26, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139

## P

Paródia 140, 143, 145, 146, 148, 150, 152

Pero Vaz de Caminha 27, 28, 32

Personagem 19, 24, 30, 96, 97, 99, 101, 102, 105, 107, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 129, 135, 140, 145, 147, 148, 150

Política 2, 5, 6, 7, 11, 19, 24, 26, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 48, 50, 52, 53, 56, 78, 87, 90, 94, 95, 96, 98, 139, 145

Pragmática 23, 52, 53, 54, 55, 60, 61

## R

Refugiados 62, 63, 64, 72, 73, 74

Religião 80, 95, 98, 142

Representações discursivas 39, 40, 41, 46, 49, 50, 51

Roland Barthes 105, 117, 120, 121

Ruptura 18, 19, 77, 94

## S

Semiótica 52, 53, 54, 55, 59, 60, 61

Sexo 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102

Sociedade 1, 3, 4, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 21, 29, 50, 62, 78, 82, 85, 95, 97, 98, 101,

102, 146, 150, 152

## **T**

Teatro 8, 38, 103, 116, 128, 135, 136

Travestismo 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102

Tropicália 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86

## **V**

Valêncio Xavier 122, 123, 135, 139

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

# LETRAS, política & sociedade



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

Atena  
Editora  
Ano 2022

# LETRAS, política & sociedade

